

Narrativas e Contemporaneidade: histórias de dentro e de fora.

Antonio Paulo de Morais Rezende *

Resumo: É importante que exista uma relação entre o contar e o viver as histórias. Há espaço para imaginação e a fantasia no ofício do historiador, daí a boa convivência da literatura com as narrativas que descrevem os tempos da vida humana, sem desprezar a multiplicidade das fontes. A morte da narrativa não tem sentido. Ela se modifica e acompanha as novas aventuras do cotidiano, entrelaçada com as viagens da subjetividade.

Palavras-chaves: narrativa, contemporaneidade, subjetividade

Résumé: Il est important qu'il y ait une relation entre vivre et raconter des histoires. Chez l'historien il y a de place pour l'imagination et la fantaisie. Un bon exemple est la coexistence de la littérature avec les récits qui parlent des temps de la vie humaine sans jamais s'écarter de la multiplicité des sources de l'histoire. La mort de la narration n'a pas de sens. Le récit change chaque fois qu'il s'empare des nouvelles aventures dans la vie quotidienne, s'intremêlant avec les voyages de la subjectivité.

Mots-clefs: recit, contemporanéité, subjectivité

Pamuk escreve com a ousadia de quem assumiu o destino de decifrar, de olhar o mundo como portador de mistérios que atravessam territórios e mal distinguem as fronteiras. Nos seus livros, a densidade não oculta a beleza, de traços singulares. É uma sagração da literatura, onde múltiplas narrativas se entrelaçam atizando e inquietando o leitor. Entre um capítulo e outro, o próprio corpo do leitor pede uma pausa, espreguiça-se e suspira. Lembra as respirações da yoga, viaja num barco que inventa para sobreviver, sente-se nos mares do oriente. Pamuk busca identidades, está colado na história com todas as suas artimanhas e metáforas. Suas páginas são espelhos, espaços desenhados de significados que não estão perdidos, mas que desacomodam como se a verdade estivesse, sempre, articulada com o movimento, sem datas de origem. A solidão acompanha toda sua travessia, embora exista uma duplicação contínua. Ele é muitos e ninguém. O escritor se contempla, observa cada personagem como parte de uma cartografia sem limites. As ruas de Istambul parecem não ter esquinas, porém remetem às assombrações do passado, do presente e as que virão num futuro bem semelhante ao que já se foi. A aparência do homogêneo distrai o leitor. O tempo possui uma velocidade que vem de dentro de cada um, parece mesmo um grande círculo, traçado com esmero. Lembra Parmênides sem excluir Heráclito. As narrativas mostram a

* Universidade Federal de Pernambuco, Doutor em História, Professor Adjunto.

incompletude constante do humano, registrada na cultura, nas mais sutis invenções. Pamuk desconstrói a separação entre o real e a fantasia, não é partidário das dicotomias evidentes. Seu texto é pacto bem bordado da literatura com a história.

A Turquia aparece como um cosmos incomensurável, talvez o único possível e ou desejável, mas portador de muitos signos. Não quero, contudo, garantir certezas que o autor não promete. As vacilações são tantas e as misturas desgovernam qualquer projeto. É como se, em cada instante, exigisse uma leitura apurada e falta fôlego para visualizar o entretecer das minúcias. Então, resta especular, para que o texto prossiga na sua sedução em busca de outros que compartilhem do jogo que se anuncia de maneira incessante. O fim e o sentido, praticamente, não se firmam, há uma hermenêutica particular, o escritor é detetive das amarguras da vida. As coisas se estabelecem num pacto entre o leitor e Pamuk. Há feitiço, magia, encantamentos. Procuram-se identidades que não são fixas, pois as diferenças se ampliam para que se aproximem as semelhanças e os mistérios sejam ressuscitados sem cessar. Nem por isso, corta-se a salvação. Ela está na literatura, ou seja, na capacidade de se tornar íntimo das palavras e fazer arquitetar as tramas e os dramas como se a vida se fizesse texto. As histórias de dentro e de fora ora se completam, ora se estranham, porém não fogem das dúvidas, mesmo que tenham a cor da brancura da neve e o cheiro da fumaça de ônibus velhos e preguiçosos. Talvez, o sono e sonho possam fertilizar a palavra que fundamenta a narrativa de quem acorda. É a primeira narrativa do dia, mesmo que silenciosa, escondida, não assegura nada, apenas que uma travessia para qual a medida não é transparente. Portanto, fio da história está para ser tecido, sem perspectiva de um fechamento. Lembra o manto de Ulisses. A cogitação faz a trama. A certeza anularia a beleza.

A escrita de Pamuk ganha dimensões que são comuns aos bons narradores. Apesar das inúmeras fragmentações da contemporaneidade, os segredos da vida alimentam a vontade de contar e a curiosidade de escutar. Se a cultura se preenche com seus significados infinitos, como dispensar a narrativa ou enfraquecer sua força para sedimentação das tradições, mesmo que a sociabilidade sofra mudanças profundas com as astúcias consumistas da tecnociência? O belo texto de Benjamin sobre o narrador pertence a um tempo, está no campo da perda e da dor, determina o caminho que a solidão e a melancolia traçam com a vitória ampla do capitalismo. Há lamentos, porém o movimento das relações sociais não extermina a comunicação. A linguagem é radical, não é possível configurar histórias sem ela, sem suas metáforas surpreendentes. Há sempre alguém buscando escutar, saturado das consultas ao Google ou das idas às bancas da revista, onde os discursos especializados flutuam como sabedorias do mercado da quantidade e da acumulação. Benjamin denuncia no seu texto as

perdas, mas não podemos determinar o fim das narrativas, temos mais de mil e uma noites longas nas histórias que se seguem, malgrado as escatologias antigas e pós-modernas.

Pamuk nos traz questões que vem acirrando o debate acadêmico, embora este não seja seu objetivo. Podemos navegar, com ele, para enriquecer muitas alternativas de saída de labirintos, aparentemente, inesgotáveis. Nesse singular diálogo, ampliamos os lugares da relação História e Literatura, enquanto saberes regidos por normas científicas. A Literatura nos sugere uma divagação, sem culpas, sobre as incompletudes e elas são tantas que só nos resta (des)inventar. A fantasia alimenta os passos mais largos da vida e colabora para fabricação do que chamamos de real. Especulamos, porque é lúdico especular e não apenas pela vocação acadêmica e dissertativa. Pamuk ensina que a travessia está pontuada por medos e mortes. Por isso, nos balançamos num trapézio de um circo do qual nunca sairemos. Os livros de Pamuk parecem todos de cor cinza, apesar da brancura da neve, sempre retomada nos seus capítulos Mas os corpos têm olhos e luzes. A cegueira é mágica, porque sobrevive do mistério. Os mistérios não possuem um começo definido, pois o cosmo, a rede que faz adormecer o sentido, é um espelho de cristal onde caberão todas as histórias, mesmo as que não foram ainda vividas. Entrelacemos tudo isso, com os sinais do contemporâneo, em descrições não lineares.

As bombas atômicas, os motéis, a coca-cola, o fast-food, o gravador de DVD, enchem o cotidiano de uma pressa com vestígios de mortes rápidas e contínuas. O descarte nos contamina, mas a quem vamos narrar como jogamos fora compulsivamente tanta coisa? Quem ainda tem paciência para respeitar nossas dores e nos acompanhar na interpretação das suas teimosas permanências? O tamanho da solidão que nos amedronta é que se não contarmos histórias, não conseguiremos conexões com as memórias. Estamos escravizados pelo provedor de Narciso. É perigoso esquecer que as conexões de dentro de nós são espaços da sociabilidade, testemunham a autonomia, a singularidade de cada sujeito e seus desejos de estar atento ao outro, sem contudo deixar de preservar seu espelho interior. O humano tem suas ontologias, hoje discutíveis. Temos receio de nos naturalizar, estamos tomados pelas pedagogias que não cedem seus propósitos iluministas. Antes os gregos viam a história sem muito entusiasmo. Distraíam-se com seus mitos e heróis. Ficavam colados no extraordinário, assim constrói-se a concepção de acontecimento que percorre a história e limita, muitas vezes, as problemáticas das pesquisas, preocupadas com as cercas das periodizações, amargando a continuidade sem surpresa de uma história já pré-determinada e plena de sentido.

A ligação com a literatura ajuda a desfazer certos nós herdados pela idéia de que precisamos de certezas para nos curar das angústias. O trágico se torna um lixo ou um vulgar

gênero literário, quando ele assinala marcas históricas que acenam com a incompletude que não nos abandona, remetendo-nos às culpas de pecados originais. A cultura é uma resposta a todas as nossas tergiversações, mas não esgota o que nos atormenta, apenas nos traz brinquedos, nos aproxima do lúdico para amenizar as derrotas. O incômodo é visível. O mal-estar de que Freud falava, sem máscaras, não está sendo resolvido, mas se enche de complexidades. A sociedade multiplica seus saberes, vive no mundo do espetáculo, numa aventura onde o tempo se compreende nas dissonâncias e nas diferenças, alimentos imprescindíveis da cultura. (O espetáculo o lugar da utopia). Por isso, a escrita de Pamuk e de tantos outros não se envergonha da imaginação, nem da convivência com a magia. A pretensão da ciência não desfigurou o mistério. Ela fortaleceu as relações de poder com suas sofisticções e seu distanciamento dos desfavorecidos. Mas isso não é uma condenação, é uma passagem.

Nesse campo de discussão, é importante ressaltar a relação das narrativas com os arquivos. Não importando a forma que tenham, não esqueçamos a nossa obsessão pelo arquivamento das coisas que vivemos. Segundo Derrida, uma idéia louca que nos persegue. Talvez, os arquivos funcionem como espelhos. Levam-nos a nos contemplar, a observar as circunstâncias dos tempos que nos formam. Nem a literatura, nem a história dispensam os arquivos, para além dos seus afazeres meramente burocráticos. Elisabeth Roudinesco escreveu conferências, *A Análise e o Arquivo*, com reflexões instigantes sobre o tema e os seus perigos: arquivar tudo ou deixar tudo solto sem referências. E afirma “Mas se tudo está arquivado, se tudo está apagado ou destruído, a história tende para a fantasia ou o delírio, para soberania delirante do eu, ou seja para um arquivo reinventado que funciona com dogma” (ROUDINESCO, 2006: 9). Há, contudo, também outro lado: o arquivamento de tudo leva a perda da criação, ao exagero do culto ao arquivo que tanto corrói a obra de historiadores. Ela acrescenta “... não há como não admitir que o arquivo (destruído, presente, excessivo ou apagado) é a condição da história” (ibidem: 9). São estimulantes as questões levantadas pela autora, não esquecendo que os arquivos são vestígios das culturas, das tradições, das sedimentações e dos fracassos. Sabemos que, na construção da memória, existem vencidos e vencedores, a neutralidade é um engano, um véu para encobrir desacertos dos discursos oficiais. Roudinesco traz essas questões para memória da psicanálise, os embates sobre os legados de Lacan e de Freud, a busca da paternidade que julgamos legítima.

Das sugestões citadas acima, podemos caminhar para outras especulações. A memória é uma recorrência sem fronteiras quando nos inserimos pelas aventuras humanas. Voltemos à narrativa literária. José Eduardo Agualusa diz : “A memória é uma paisagem contemplada de

um comboio em movimento” (AGUALUSA, 2004:153). E acrescenta, depois de descrever a paisagem: “São coisas que ocorrem diante de nossos olhos, sabemos que são reais, mas estão tão longe, não as podemos tocar (...) Talvez a tenhamos sonhado” (ibidem:153). Quais os arquivos que a memória guarda do passado ou, ainda, o que interessa que seja guardado? Na escrita de si, onde se situam os pertencimentos das histórias ou por que algumas se consolidam e outras se perdem, para sempre, ou momentaneamente? No espaço da imaginação ou mesmo na procura de um conhecimento referendado pelos rigores acadêmicos, o jogo do esquecer e do lembrar não desaparece. Os arquivamentos constroem-se com outros movimentos, mas há sempre avaliações que fazem delimitar as diferenças e firmar as escritas. O problema é saber como são criadas essas escolhas e quais os seus diálogos com aquilo que comumente denominamos de verdade. Como se contrapor a Félix, vendedor de passados, personagem de Agualusa, que afirma diante de um escritor: “Também eu crio enredos invento personagens, mas em vez de os deixar presos dentro de um livro dou-lhes vida, atiro-os para a realidade”(ibidem: 75) É que o escritor não tinha se acanhado, antes, em identificar a literatura com “a maneira que um verdadeiro mentiroso tem para se fazer aceitar socialmente” (ibidem: 75). Félix forjava documentos, para livrar os perseguidos pela opressão do Estado, com isso os enredava numa outra história que se confundia com a realidade cotidiana. Ele multiplicava as identidades, descrevia histórias para salvar as pessoas de situações políticas duvidosas. Criava arquivos com sua imaginação e astúcia, misturando os pedaços da vida, com a coerência possível.

Tanto nas narrativas históricas, como literárias, os arquivos se fazem presentes. Podem ser um conjunto de documentos escritos, ou fontes de diversos significados. Mas a experiência e a fantasia também entram na composição das narrativas, mesmo daquelas onde as regras acadêmicas atuam com suas exigências. História escritas se articulam com histórias vividas, com as abstrações que nos levam a pensar por onde andam os vestígios do passado, as sinuosidades dos desejos, as marcas das perdas acontecidas no passado. Os livros de Pamuk e Agualusa tocam bem a sinfonia dessas narrativas escritas na contemporaneidade, tão costurada por dissonâncias e expectativas velozes e difíceis de ser aprisionadas. As histórias de dentro e as histórias de fora são nomeações que ajudam a compreender os possíveis entrelaçamentos, tão pouco prováveis para alguns.

Talvez, o personagem da Agualusa tenha razão: “Todas as histórias estão ligadas. No fim tudo se liga. Mas só alguns loucos, muito poucos e muito loucos, são capazes de compreender isso.” (ibidem:186). O que existe é a impossibilidade de escrevê-las de uma só vez, manter vivas as fragmentações, as partes que conhecemos, portanto inventamos inúmeras

divisões, onde os especialistas dão formas as suas áreas de pesquisa. Nos tempos atuais, o ofício do historiador se tornou, mais ainda, complexo. Suas questões presentes estão abaladas por um vasto território de discussões teóricas que sugerem metodologias diferentes. Os conceitos de sentido, verdade, poder, tradição, são redefinidos e um niilismo devastador faz as utopias sucumbirem. Parece que vivemos, apenas, o instante, que as ligações entre passado, presente e futuro se descolaram. Estamos longe de consagrar o progresso e suas veleidades. A simultaneidade nos assalta. A palavra se veste de uma soberania sedutora.

O vasto território de que falamos não admite a convivência com fronteiras ou as transforma em frágeis riscos de estratégias discursivas efêmeras. A psicanálise trouxe outras reflexões para o tema da narrativa, relativizou, mais ainda, a verdade e destacou a subjetividade e o narcisismo. Com ressalta Roudinesco:

Sabemos que uma das grandes inovações da psicanálise foi dar palavra ao paciente. Outrora, os casos eram relatados pelos médicos. Ora com o triunfo da psicanálise um deslizamento foi operado entre a ordem do saber e a da verdade. Cada vez mais, portanto, são os próprios pacientes que escrevem livros sobre seus casos. (ROUDINESCO, 2006:59-61).

Os relatos da psicanálise se encontram com o cotidiano que vamos descobrindo e favorecendo a superação de muitas das angústias que nos cercam. Os ofícios do historiador e do psicanalista dialogam com as peripécias dos feitos humanos, eles não se estranham, se complementam. A idéia de que ocultamos tantas coisas do ponto de vista individual, não se distancia armadilhas de poder do coletivo, da memória de comemorações que beneficiam os vencedores ou os fabricantes das barbáries sofisticadas. A história e a psicanálise buscam relatos de verdade, mesmo que cientes da suas vulnerabilidades.

Os saltos metodológicos e teóricos foram imensos. De uma história que reverenciava o documento escrito, oficial, político, para uma história que ouve depoimentos orais como alicerces para pensar as experiências do passado e confrontá-las. De uma história que se restringia às exuberâncias das revoluções, a fixação de calendário de renovação do fazer social, para uma história que escuta o cotidiano, que não despreza o valor das permanências. O estreitamento das relações com outros campos do saber alargou os caminhos da pesquisa, sem negar a complexidade da aventura humana. A verdade não foi abandonada, porém vista nas suas dimensões conectadas com as relações de poder que se instituem na luta por posições políticas de comando. Os relatos das histórias, coletivas ou individuais, não estão dissociados dessa lutas, nem tampouco elegem verdades neutras e despidas das vicissitudes do seu tempo.

Daí, o espaço para pensar as mudanças junto com as permanências, as misturas entre passado, presente e futuro quase imperceptíveis, mas que revelam como a noção de simultaneidade é importante para contemporaneidade e sua confusa profecia das estatísticas científicas.

Quando nos referimos às histórias de dentro e fora, estamos apenas trazendo outra nomeação para as narrativas. Não é que haja incompatibilidades entre elas. Reafirmamos: as fragmentações não significam que está tudo desmontado, sem perspectiva de toque ou magia. O destaque dado à fragmentação está ligado com a multiplicidade. Muitas invenções, amores, surpresas, desperdícios, um conjunto de objetos das mais variadas formas compõem a cultura pós-moderna. A velocidade faz com que transformações ocorram, sem que os olhos, muitas vezes, não consigam captar o que existe lá fora. Nessa passagem, figuras ganham conteúdos inesperados, por isso a famosa realidade que percorria os discursos se sente questionada, pela presença das fantasias e da imaginação. A literatura ganha mais espaços no mundo das narrativas, porque ela não é acuada pelo compromisso de verdade e prova tão comum nas ciências. Isso não é registro de que tudo está à deriva, mas que a história passa, hoje, por essa exigência de compreender o fluxo contínuo do tempo presente. Muitos escritores usam fontes históricas, mas soltam a criatividade para analisar o que está para além da palavra viva.

São os entrelaçamentos entre as narrativas o que desafia e não a possibilidade do seu fim. O texto de Benjamin foi profético, porém falava de um mundo que se instituía para consagrar outras relações do capitalismo. Estava atento à construção de outras sensibilidades, como estamos na atualidade. Não com há como deixar de contar as histórias, mesmo sem a seqüência clássica do começo, meio e o fim. Compreender a história é entrar nessas redes de falas e escutas que se renovam. Se hoje mergulhamos na pressa, também escutamos com outra capacidade de síntese. Desconfiar que o poder de narrativa cessou ou esvaziou-se é sepultar a poder de inventar e desconhecer a autonomia sempre possível de reconstruir, mesmo que os vestígios do passado incomodem e doam. O verbo continua sendo a argila, sem ele as arquiteturas se desmontam. As rimas da vida e da morte teceram histórias, para escutar e significar a multiplicidade das narrativas humanas.

Ainda lembrando Pamuk sua ligação com Istambul, a sua cidade, seu território de cada instante, não é exagerado afirmar que, no seu texto, a cidade se estica sempre. Não apenas seus espaços que crescem com suas habitações ou mesmo com a vastidão de seus concretos que devoram tudo. A cidade se estica com seus olhares, sua vontade de fazê-los do tamanho das suas fantasias. Não adianta medidas, geometrias, planejamento. A cidade está dentro da alma, te antecedeu, não tem medo das tuas travessias, nem tampouco das tuas travessuras. A

cidade nos faz pequenos. Precisamos dela para narrar a vida e a contemporaneidade, com sua proximidade do historiador. A vida que nos espera sem descanso. A morar a cidade é a melhor forma de percebê-la íntima, como travesseiro que trouxemos da infância. Como compreender o mundo se não captamos os seus cheiros e as cores das suas nostalgias? Escritas de si, espelhos, figuras, significados, uma Istambul que cada coração inventou no seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, J. E. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 7ª edição. Tradução Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OZ, A. **Rimas da vida e da morte**. Tradução: Paulo Geiger. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

PAMUK, O. **Neve**. Tradução: Luciano Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

_____. **Istambul**. Tradução Sérgio Flaksman. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

_____. **O livro negro**. Tradução Sérgio Flaksman. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ROUDINESCO, E. **A análise e o arquivo**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.